

## SIMPÓSIO AT186

### “TERRA, MINHA... ETERNAMENTE”: ESPAÇO E MEMÓRIA NA POESIA DE ALDA LARA

SILVA, Susane Martins Ribeiro  
UEMA/FAPEMA  
susane.m.ribeiro@gmail.com

**Resumo:** Conhecida pela sua literatura imponente e considerada pelos poetas africanos como honorável declamadora, Alda Lara é uma célebre literata, cujas obras, principalmente em verso, permeiam em destacar o africano, com seu modo singular de ser e pensar, além de cantar a terra natal, bem como o sofrimento do indivíduo em deixar sua terra. Nascida em família de escritores e pertencente à “Geração Mensagem”, os poemas da escritora angolana apresentam uma escrita peculiar, onde dá destaque e ressignificação de espaços relevantes da terra natal com intenso sentimentalismo, além de questões sobre a solidariedade e a esperança para e com o seu povo. Baseado nestas perspectivas, visa-se analisar a relação entre espaço e memória na produção poética de Alda Lara. Evidenciando os instantes angustiantes de uma Angola quase sem esperança, considera-se a (des)construção dos espaços destacados pelo sujeito lírico, além de como o espaço influencia significativamente na formação deste, bem como a rememoração da infância em “Poemas”, obra publicada postumamente em 1966. A pesquisa está fundamentada sob a visão de Luís Brandão (2013), no que se refere aos espaços e Walter Benjamin (1987) em torno das discussões memorialísticas, tornando-se relevante, pois discute os valores relacionados a espaço e memória, magistralmente destacados na conjuntura da obra poética desta brilhante escritora.

**Palavras-chave:** Poesia africana; Espaço; Memória; Sujeito lírico.

**Abstract:** Alda Lara is known by her imposing literature and she is considered by African poets as an honorable declamer. She is a famous literary writer, whose works, mainly in verse, focus on the African and his unique way of being and thinking, as well her works exalt the African birthplace and his suffering for leaving his place. She was born in a family of writers and she writes in the style of “Geração Mensagem”, the poems of this Angolan writer present a peculiar writing style, because she highlights and re-significates relevant spaces of the native land through intense sentimentality, besides she explores topics about solidarity and hope for and with her people. Based on these perspectives, it is aimed to analyze the relation between space and memory in the poetic production of Alda Lara. Evidentiating the distressing moments of an almost hopeless Angola, it is considered the (des) construction of the spaces highlighted by the lyrical himself, as well as how space significantly influences the

formation of him, as well as the recollection of childhood in "Poemas", posthumously work published in 1966. The research is based on the vision of Luís Brandão (2013), regarding space and Walter Benjamin (1985) about the memorialist discussions, becoming relevant, because it discusses the values related to space and memory, masterfully highlighted in the conjuncture of the poetic work of that brilliant writer.

**Keywords:** African poetry. Space. Memory. Lyrical himself.

## Introdução

Marcada pelo sofrimento, angústia, imposição do colonizador e, ao mesmo tempo, pela esperança de um futuro melhor, a poesia africana em língua portuguesa carrega em versos o descontentamento do presente frente às marcas de violência deixadas pelo passado. Em linhas suaves, a dor e o padecimento, sinais da voz africana e frutos de quase meio século de escravidão, trazem à tona expectativas positivas, apesar das adversidades enfrentadas no dia a dia. Nisso, a poesia serve de retrato não somente para este quadro de desalento, mas na confiança de melhoramento, como também um meio de manter viva a história de um povo sofrido, todavia guerreiro e corajoso.

Nessa conjuntura, apresenta-se uma leitura da poesia de Alda Lara, considerada uma exímia literata, não só pela poesia, mas pela sua dedicação e competência em apresentar ao público uma literatura consideravelmente autêntica, engajada, com o intuito de valorizar a cultura, sustentando firmemente a história da nação angolana. Sob esse viés, considera-se a obra "Poemas" (1966) a partir da ressignificação da memória, principalmente a infância, destacando também os espaços rememorados desta fase da vida.

Este olhar promove a discussão a respeito da poesia angolana de autoria feminina que ganha destaque em meio à supremacia da produção poética masculina da década de 50 do século passado, que promovia uma identidade autêntica, sem indícios da influência da colonização portuguesa. Uma literatura que consiste na identidade puramente angolana, trazendo consigo a essência de uma escrita que representa as necessidades e inquietudes do povo.

Assim, evidencia-se alguns poemas de Alda Lara cujos versos entoam a saudade da infância, sua gente, bem como lugares marcantes de um passado violento, massacrante, hostil, mas que, ainda assim, refletem a esperança e o anseio de um futuro promissor, determinando assim a sua própria identidade.

## **1. Alda Lara: o engajamento implícito declamado em versos**

A poetisa e contista angolana Alda Ferreira Pires Barreto de Lara Albuquerque nasceu na província de Benguela em 9 de junho de 1930. Em sua terra natal, passou boa parte da infância, sendo criada e educada sob os moldes cristãos. Ainda na infância, muda-se para Lisboa, onde finaliza a educação básica e ingressa na Faculdade de Medicina, concluindo o curso em Coimbra. Ganha notoriedade com seu trabalho de conclusão de curso, sendo convidada a especializar-se na capital francesa, todavia recusa o convite em virtude do forte sentimentalismo que a prendia à terra natal, executando trabalhos missionários pelo continente africano.

Neste mesmo período, mantém forte ligação com a Casa de Estudantes do Império, iniciando seu exercício como escritora, trabalhando para jornais e revistas de grande repercussão na época, como a “Revista Mensagem” e o “Jornal de Angola”, por exemplo. Sempre envolvida nos círculos literários, sendo irmã do poeta Ernesto Lara Filho e esposa do escritor Orlando Albuquerque, ganhava destaque pelas declamações que fazia. Chamando a atenção dos jovens escritores, recitava poemas de escritores africanos nas grandes cidades portuguesas, já que, nesses lugares, a poesia africana era desconhecida.

Neste período, escrevendo para jornais e revistas, que nascem seus primeiros poemas, publicando seu primeiro livro “Poesias” em 1960. Participa de diversas antologias poéticas que destacam os escritores angolanos da época. O conjunto da obra de Alda Lara não é considerada extensa, pois possui poucas obras publicadas em vida, falecendo aos 32 anos de idade, logo após regressar à terra natal.

Defendendo a ideia de que vivia uma espécie de exílio em terras portuguesas, Alda Lara ansiava em retornar à terra natal e assim o fez. Seus poemas trazem justamente esta característica: o apego à terra, ao povo do qual nunca se desvinculou e, paralelamente, usava seus versos para defender os direitos de seu povo.

Enaltecendo o passado sem deixar de lado o presente resultante de um longo tempo de colonização e escravidão, a poetisa angolana transformou seus versos em armas, lutando por uma sociedade igualitária, pelos direitos da mulher angolana, como também no registro de sua própria história.

Esses escritos apresentam uma infância difícil, mas que trazem a essência da identidade angolana, enfatizando momentos de um saudoso passado, enfatizando lugares da infância e pessoas que a marcaram para sempre.

## 2. “Regressar”: O passado revisitado

Em meio à hostilidade e ao sofrimento, o passado do povo angolano é retratado com intenso sentimentalismo. Nos tempos de outrora, a história desse povo é veementemente contada, sendo assim registrada para que não caísse no esquecimento. Porém, com o passar do tempo, como é evidenciado no poema *Prelúdio*, “esqueceram as histórias” (LARA, 1997, p. 84) – histórias essas que costumeiramente eram contadas nos tempos de criança. Nesse exercício de lembrar a própria história, como forma de sempre mantê-la viva, não permitindo que ela esvaia-se pelo esquecimento, o exercício de lembrar dos acontecimentos é um meio de torná-lo permanente, ilimitado (BENJAMIN, 1987, p. 37).

Mesmo com as marcas de violência estampadas no passado, o sujeito lírico em *Presença Africana* consagra que “apesar de tudo, / ainda sou a mesma” (LARA, 1997, p. 71). No poema, o sujeito lírico insistentemente enfatiza que, mesmo com o passar do tempo e dos acontecimentos, o sujeito mantém-se firme. Lembranças vêm à tona e “eu revendo ainda [...] / aquela / longa história onconsequente” (LARA, 1997, p. 72).

Por mais que todos os detalhes do passado do sujeito lírico não sejam retratados, a vida dele, marcada por adversidades, servem de exemplo, como Benjamin (1987, p. 36) assevera o fato de que “nem tudo nessa vida é modelar, mas tudo é exemplar”.

O passado vivido na terra natal é um traço marcante na poesia de Alda Lara. A experiência do passado é o estopim para o regresso ao lugar de pertencimento. São esses acontecimentos que “não aparecem de modo isolado, patético e visionário [...] são anunciados, chegam com múltiplos esteios e, e carregam consigo uma realidade frágil e preciosa” (BENJAMIN, 1987, p. 40).

No poema *Regresso*, o anseio de voltar à terra natal traz consigo a esperança de reviver a magia do passado, por mais inóspitos que tenham sido alguns momentos, não se sobressaem em relação ao aconchego do lugar de pertencimento:

Voltar...  
Ver de novo baloiçar  
a fronde magestosa das palmeiras  
que as derradeiras horas do dia,  
circundam de magia...  
Regressar...  
Poder de novo respirar [...] (LARA, 1997, p. 86)

O que fora vivido em tempos de outrora é a base para que o sujeito lírico retorne à terra natal. Apesar da destruição que o lugar sofreu, em virtude da intensa e devastadora colonização, é neste lugar que o sujeito lírico deseja estar, já que, para ele, tal lugar é único, incomparável. São esses lugares de pertencimento, nos quais se vivera e que o sujeito lírico ressignifica no presente, canta saudosamente o solo, as matas, o mar que banha a terra, a “cidade em convulsão” (LARA, 1997, p. 87).

### 3. “Mansamente...! Terra!”: espaços rememorados

A saudade da terra natal é marca registrada em muitos poemas de Alda Lara. Desde a mudança para Portugal ainda criança, a poetisa alegava que

vivera uma espécie de exílio, por mais que a conjuntura dos fatos não evidenciavam isso.

A distância da terra promoveu, em seus poemas, o canto do africano longe de seu lar, demonstrando intensa tristeza, que só poderia ser revertida em acalanto se pudesse regressar ao seu lugar de pertencimento. Considerando ainda o poema *Regresso*, já citado anteriormente, exemplifica-se o intenso sentimentalismo em experimentar as sensações que somente é possível estando na terra natal:

(oh!...minha terra!...)  
aquele odor escaldante  
que o humus vivificante  
do teu solo encerra!  
Embriagar  
uma vez mais o olhar,  
numa alegria selvagem,  
com o tom da tua paisagem,  
que o sol,  
a dardejar calor,  
transforma num inferno de cor... [...] (LARA, 1997, p. 86)

É notório a sensação de pertencimento ao passo que o sujeito lírico canta a sua terra, sendo ela parte do próprio sujeito (“minha terra”) e que, ao mesmo tempo que exalta a terra natal, lembra das cores e dos cheiros que ela emana. São essas características que tornam o lugar sublime e, estabelecendo a relação entre o tempo e o espaço, lembrar e estar em seu lugar tornam-se simultâneos (BRANDÃO, 2013, p. 61).

Com o passar do tempo, ao passo da desenvoltura do poema, o sujeito lírico reflete nas etapas do dia (nascente e poente) as fases de sua vida. Ao encerrar o dia, evidencia-se o grito do retornar, sendo o sujeito lírico tomado pelo prazer de regressar. Nada se compara ao retorno à terra, podendo assim sentir novamente a felicidade de estar no espaço que representa sua identidade.

E o sol esplendoroso e quente,  
o sol ardente,  
há-de gritar na apoteose do poente,  
o meu prazer sem lei...  
A minha alegria enorme de poder  
enfim dizer:



Voltei!... (LARA, 1997, p. 88)

O regresso à terra mostra que o espaço evidenciado desdobra-se tanto como observado como também é de lá que parte a observação (BRANDÃO, 2013, p. 62). Ao falar da terra, entoa momentos que foram vividos no passado como também demonstra a alegria que é sentida ao estar de volta. É possível perceber tal característica também no poema *Ape/lo*. O sujeito lírico, atingido por um conflito sinestésico e transcendental, vê as dificuldades enfrentadas a partir do espaço que se encontra (rio), cujas fronteiras podem desencadear escolhas para aqueles que as atravessam.

Na outra margem do rio,  
(e eu vejo-a!)  
há campos verdes de esperança,  
abandonados ao calor de um sol eterno...  
Na outra margem do rio,  
onde não chega o inverno,  
há campos ondulantes de searas maduras.  
para os pobres matarem nelas  
todas as fomes do mundo... (LARA, 1997, p. 41)

O sujeito lírico (representado pelo “eu”) considera em sua observação que cada margem do rio corresponde à representação de uma escolha. Cada escolha resulta numa satisfação: seja qual for a alternativa, existe um resultado positivo. Isso significa a esperança do povo angolano em enxergar sua terra a partir das paisagens naturais que ela possui, pelos alimentos que possam ser cultivados nela. Apesar de ter sido devastada pela violenta colonização europeia, continua dando seus frutos, da mesma maneira de quando era intocada, pertencendo unicamente ao seu povo.

### Considerações Finais

A poesia africana é sempre referenciada pelas marcas de sua identidade, evidenciando também o modo violento como fora a colonização do continente africano, bem como a perversidade do colonizador europeu e o resultado desse processo. Acima disso, promove-se uma reflexão a respeito do valor de pertencer a uma terra cuja cultura é variada e peculiar.

Sempre fazendo alusão ao passado hostil, ao presente que prima a esperança e ao futuro por vezes incerto, Alda Lara, grande nome da poesia angolana, que fora, por muito tempo, esquecida pelos intelectuais da literatura africana lusófona, realça em seus versos o amor à terra, a revisita ao passado, a identidade angolana que precisa ser preservada, não permitindo deixar-se influenciar pelas características marcantes da colonização.

É nessa poesia marcada por intenso sentimentalismo, pelas marcas de oralidade, pela atenção que dá ao seu povo e sua terra natal (mesmo estando distante deles) e pelo engajamento, por vezes camuflado na saudade dos tempos de outrora, que Alda Lara destaca-se e deve ser sempre evidenciada com o grande nome da produção poética africana de autoria feminina.

### Referências

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LARA, Alda. Poemas. In: **Obra Completa**. Braga: Edições Appacdm, 1997.